

# **Em nome do Pai, da filha e dos colonizadores: Deus, Igreja e Europa, uma construção da Educação Feminina no Brasil Colonial.**

Sérgio Rêgo.

Cita:

Sérgio Rêgo (2017). *Em nome do Pai, da filha e dos colonizadores: Deus, Igreja e Europa, uma construção da Educação Feminina no Brasil Colonial*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/3703>



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**EM NOME DO PAI, DA FILHA E DOS COLONIZADORES: DEUS, IGREJA  
E EUROPA, UMA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL  
COLONIAL.**

Sérgio Antônio Silva Rêgo

santoniorego@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

A procura por compreensão de modelos educacionais e os seus possíveis tropeços são fruto de uma constituição histórica repleta de elementos que merecem maiores e muito bem apuradas discussões. Percebendo o poder de quem esteve com forças para escrevê-la e, assim sendo, inserindo apenas o que seria de seu próprio interesse ou que julgava desta maneira. As discussões em torno da presente temática procuram, em grande medida, evidenciar preconceitos objetivando a superação desses elementos, principalmente observando o lugar da mulher na história e de sua contribuição a esse processo. A necessidade de se investigar a relação ao modelo educacional aderido pelo Brasil, sobretudo, com relação as mulheres, mediante o processo de colonização e a transladação de um modelo de ensino, especialmente por parte da Igreja atrelada a Coroa lusa. Buscando, mediante análise bibliográfica, analisar de que maneira se processou o modelo educacional implementado para as mulheres durante o período colonial no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Período Colonial; Educação Feminina; História da Educação.

### RESUMEN

La búsqueda por comprensión de modelos educativos y sus posibles tropiezos son fruto de una constitución histórica repleta de elementos que merecen mayores y muy bien escrutadas discusiones. Percibiendo el poder de quien estuvo con fuerzas para escribirla y, por lo tanto, insertando sólo lo que sería de su propio interés o que juzgaba de esta manera. Las discusiones en torno a la presente temática buscan, en gran medida, evidenciar prejuicios para la superación de esos elementos, principalmente observando el lugar de la mujer en la historia y de su contribución a ese proceso. La necesidad de investigar la relación al modelo educativo adherido por Brasil, sobre todo, con relación a las mujeres, mediante el proceso de colonización y la traslación de un modelo de enseñanza, especialmente por parte de la Iglesia vinculada a la Corona lusa. Buscando, mediante análisis bibliográfico, analizar de qué manera se procesó el modelo educativo implementado para las mujeres durante el período colonial en Brasil.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**PALABRAS CLAVE:** Educación; Período Colonial; Educación Femenina; Historia de la Educación.

**ABSTRACT**

The search for understanding of educational models and their possible stumbling blocks is the result of a historical constitution filled with elements that deserve greater and more well-debated discussions. Realizing the power of the one who was strong enough to write it, and thus inserting only what would be in his own interest or which he judged in this way. The discussions around the present theme seek, to a large extent, to highlight prejudices with a view to overcoming these elements, especially by observing the place of women in history and their contribution to this process. The need to investigate the relation to the educational model adhered by Brazil, especially with regard to women, through the process of colonization and the translation of a model of education, especially by the Church attached to the Portuguese Crown. Searching, through bibliographical analysis, to analyze how the educational model implemented for women during the colonial period in Brazil was carried out.

**KEY WORDS:** Education; Colonial period; Women's Education; History of Education.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### INTRODUÇÃO

O modelo de sistema educacional exercido no Brasil durante o período colonial (1532-1815) pode-se dizer que é transplantado do medievo europeu para o “Novo Mundo”, através dos padres jesuítas, sobretudo para fundamentar seu aparato sócio-econômico-religioso, a partir do momento da invasão europeia. Porém, seria um grande equívoco não mencionar que esse modelo passou por um processo de atualização, sobretudo pelo advento dos conceitos trazidos pela modernidade, em grande medida, através dos estudos humanistas.

Segundo Mesquida (2013), houve uma retomada de conceitos que iriam fornecer substrato teórico à concepção da educação jesuítica, fundamentado, em grande medida, nas concepções educacionais tomistas, seguindo o modelo notadamente ligado a escolástica, e humanistas. O então recente padrão educacional, oriundo da primeira metade do século XVI, instituído por Inácio de Loyola, advindo de sua passagem pela Universidade de Paris, procurava educar os novos fieis, os chamados soldados de Cristo, para a grande batalha que era impedir o avanço do protestantismo em terras d’além mar.

O pensamento de Tomás de Aquino era, de certa forma, tão respeitado pelos jesuítas que chegava a existir códigos de conduta com relação a sua filosofia e quando os professores, indivíduos onde acreditava-se que o conhecimento estava centrado, fossem mencionar o seu nome, para não macular sua imagem e seus ensinamentos teriam que pronunciar com todo o respeito de um doutor, deixando os clérigos mais próximos de suas doutrinas, como demonstrado por Bittar (2011, p. 238).

Regras do Professor de Teologia (Escolástica). Regra nº2: Seguir Santo Tomás – Em teologia escolástica, sigam os nossos religiosos a doutrina de Santo Tomás; considerem-no como seu Doutor próprio, concentrem todos os esforços para que lhe cobrem os alunos a maior estima.

A educação empregada pelos inacianos tinha por finalidade, a busca pelo homem universal, quando falamos aqui a expressão significa literalmente o ser humano do sexo masculino, sem defeitos e que fosse obediente a Igreja, educando-os para os “bons costumes”, constituindo-se assim os



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

chamados “homens bons” (RIBEIRO, 1995, p. 361). A escola jesuítica não formava educandos para seguir modelos de cidadãos, mas sim a formação de indivíduos tementes a Deus e a “sua” Igreja.

Há como fundamento desse modelo educacional a perspectiva implementada pelo humanismo que visava, dentre outras características, a formação de um ser mais completo, não meramente com conhecimentos específicos e sim detentor de uma gama de informações que o auxiliasse a ler melhor o universo onde o mesmo estava inserido. Estes indivíduos estavam inseridos num contexto histórico durante o período do Renascimento, pelo menos enquanto pensamento inicial, e pregavam o ressurgimento do ideal greco-romano para a iluminação e formação do homem.

Em contrapartida percebemos, que a mesma educação oferecida pelos jesuítas transformava o homem em um ser não questionador, indo de encontro à formulação do humanismo. Impunha um saber centrado meramente na figura do professor, este era o único transmissor de informações, toda fonte de conhecimento. Um saber que não possuía articulação com os problemas sociais, não estava presente nos debates ideológicos e críticos de sua época. Era, por sua vez, caracterizado pela formação de um ser ligado a religiosidade reinante.

Podemos observar a impregnação deste modelo educacional em moldes dos padrões portugueses, o chamado obscurantismo português, tendência de pensamento que baseia-se no desapego aos saberes científicos. Este fora exercido com grande intensidade naquela sociedade, dimensionado em torno de uma cultura religiosa mais dogmática, e, conseqüentemente, estes padrões foram transferidos para suas colônias, e assim o território brasileiro não fugiu a esta regra.

Não estamos pretendendo minimizar ou desqualificar a cultura produzida pela educação jesuítica, apenas apontamos limites que foram estabelecidos em nosso sistema educacional. Essa verificação, em nosso entendimento, é na medida de uma retomada de modelos e criação de novas maneiras de observar a educação.

No Brasil colonial, fora consolidado um sistema educacional, seja literária ou religiosa, que deve-se, em larga medida, ao trabalho desenvolvido pelos jesuítas. A concepção religiosa impregnada na instituição escola servia, dentre outros fatores, para manutenção do *status quo*, como nos aponta Prado (1985, p. 62).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A pressão das religiões foi em geral a estratégia utilizada para impor uma nova e “verdadeira moral familiar”, de que ela seria a portadora. Assim, os missionários católicos impuseram, drasticamente muitas vezes, o fim da poligamia, do infanticídio, a exigência da virgindade, o uso de roupas a fim de esconder as partes sexuais do corpo, etc.

Esse processo de forja da “nova gente” do “novo mundo” torna-se uma batalha aos “soldados de Deus” (MESQUIDA, 2013, p. 239). Porém, essa pretensa homogeneização cultural, por qual os jesuítas procuravam manter os indivíduos “educados”, segregava toda a construção histórico-cultural de indígenas e africanos/as, que foram subalternizados e excluídos.

A educação que os colonos, oriundos das famílias ricas, recebiam, sobretudo os meninos, era ministrada pelos padres da companhia que iriam “ensinar” o que consideravam, segundo suas regras, o mais correto, isto é, a concepção ideológica que lhes convinha formar, atendendo ao interesse eurocêntrico que privilegiava os saberes acadêmicos do homem branco, cristão católico, heterossexual, rico, etc. (BITTAR, 2011, p. 235).

A educação dos indígenas se dava, sobretudo, por meio da catequese. Esta por sua vez ocorria por meio do ensinamento das palavras do santo evangelho, tais como: trabalho, mansidão, aceitação, auxílio, caridade, entre outras, palavras descontextualizadas, que serviam para a obtenção de uma mão-de-obra, domesticada, especializada, dentro dos limites para cada função, e conseguir através da monogamia indígena um maior controle, agora não somente religioso-ideológico mais também social, sobre as crianças dessas populações.

Aproximavam-se dos índios com a intenção de “salvar as suas almas” pela catequese, passando, pouco a pouco, a lhes ensinar as primeiras letras e a prática de ofícios, pois os inaciãos precisavam de mão de obra “especializada” nas suas fazendas (MESQUIDA, 2013, 245).

O modelo jesuítico procurava manter as populações indígenas, de certa maneira juntas à Igreja, assim como todos os demais educandos nesse processo, pois, mediante um resgate do pensamento tomista e sua concepção pedagógica, era uma maneira de formar novas mentes e almas mais preparadas para as novas batalhas que estavam surgindo, sobretudo o combate ao avanço do protestantismo.

Esse padrão educacional passa a ser o responsável por formar diversos pensadores, das mais variadas áreas. Ele também é responsável por estabelecer uma normatização de costumes em terras



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

colonizadas, tanto para as populações mais pobres assim como para aquelas que podiam ter seus filhos nas escolas religiosas. Era uma maneira de justificar a escravidão, tanto de indivíduos indígenas assim como das populações africanas; a miséria e outras imensas discrepâncias que assolaram nosso processo histórico. Acerca do poder educacional exercido pelos jesuítas, Freyre<sup>1</sup> (2002, p. 212) salienta sobre a criação de um acervo próprio desses novos modelos educacionais.

Os jesuítas tornaram-se precisamente os doutores da Igreja; os seus mais agudos intelectuais. Os seus grandes homens de ciência. Tornaram-se notáveis pelas suas gramáticas, pelos seus compêndios de retórica, pelos seus relógios, mapas e globos geográficos.

Pois é, principalmente, a partir deste momento histórico que observamos, de maneira mais frequente, a repressão, em várias frentes, com relação a mulher no mundo Ocidental, pelo fato das doutrinas desenvolvidas através da concepção educacional concebida pela escola escolástica. Uma maior instrumentalização da discriminação ao feminino.

### **AO “NOVO MUNDO”, OS VELHOS HÁBITOS! COLONIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA PORTUGUESA**

Para Saviani (2013, p. 26) uma tríade constitui o primeiro momento da educação na colônia brasileira, ela estava erigida em torno da colonização, da educação e da catequese. Os sacerdotes inicianos empenharam-se na promoção da construção de escolas, seminários e, posteriormente, faculdades, todos esses empreendimentos imbuídos no intuito de “educar” a “gente da terra”, criar um novo povo (Cf. SCHWARTZ, 2000).

Cambi (1999, p. 205) salienta o sobre o papel da escola, juntamente ao da família nessa ideia de criação de disseminação de conhecimentos. Para tanto afirma

Ao lado da família, a escola: uma escola que instrui e que forma, que ensina conhecimentos, mas também comportamentos, que se articula em torno da didática, da racionalização da aprendizagem dos diversos saberes, e em torno da disciplina, da conformação progra-

---

<sup>1</sup> A utilização de Gilberto Freyre em nosso texto não implica afirmar que concordamos com as suas teorias acerca da democracia racial entre outros aspectos que consideramos conservadores. Porém, em nossa visão, é uma obra adequada na medida em que destaca elementos até então não trabalhados por outros/as autores/as o que lhe confere o caráter de ineditismo.





**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mada e das práticas repressivas (constritivas, mas por isso mesmo produtoras de novos comportamentos).

No início do processo de colonização formal, notadamente após 1532, a Coroa lusitana fora obrigada a se posicionar perante a disputa de poder que estava colidindo em solo brasileiro. Os interesses das classes dominantes, representadas pelo poder econômico de um lado em oposição aos interesses da Igreja de outro, estes, por sua vez, chocaram-se, e a partir disso se deu um grande embate entre o poder do patriarcado agrícola contra o clericalismo jesuítico. Pois segundo Freyre (2002, p. 96) os padres da Companhia estavam indo contra os interesses...

Da sociedade colonial, queriam os padres fundar no Brasil uma santa república de “índios domesticados para Jesus” como os do Paraguai; seráficos caboclos que só obedecessem aos ministros do Senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. Nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de família. Fora o cacique, todos vestidos de camisola de menino dormir como num orfanato ou num internato. O traje dos homens igualzinho ao das mulheres e das crianças.

A lavoura açucareira, exercida em larga escala e sob a mão-de-obra escravizada, exercida sob a tutela do exclusivismo comercial, sintetizada na expressão *plantation*, não poderia arregimentar os “negros da terra” para executar seu trabalho. O número de pessoas escravizadas advindas da África era limitado, em relação a ideia de produção estabelecida enquanto meta naquele momento, somado a isso o preço dessas “peças” era bastante alto. Além dos interesses da Igreja em catequizar essas “almas” e manter suas missões (reduções), produzindo “cidadãos” para o Império Português. O embate entre essas forças não servia aos interesses metropolitanos, pelo contrário dificultava as relações entre os moradores da terra e sua produção. Em momentos distintos o governo decidiu apoiar os produtores e caçadores de escravos, sejam estes de indígenas ou de africanos/as, e em outros apoiava a Igreja, em menor escala, porém não poderia entrar em choque contra o papado.

Em 1759, o Marquês de Pombal (1699-1782), primeiro-ministro luso, expulsa os padres jesuítas do Império Português, e suas missões/povoações assim como todo seu patrimônio ficam, a partir desse momento, sob a responsabilidade, assim como os/as indígenas que viviam nestes aldeamentos, de outras ordens religiosas, mais obedientes à Coroa e ainda aos colonos ricos.

Os jesuítas enfrentaram essa saída, porém, expulsões anteriores, como informa Ribeiro (1995), primeiro da capitania de São Paulo, seguido pelas capitanias do Maranhão e do Grão-Pará,



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

onde os mesmos estavam diminuindo o percentual de escravos indígenas para os colonos, com a finalidade de catequizá-los e a mão-de-obra escravizada africana não atendia a toda demanda dessas regiões.

Os jesuítas foram outros que pela influência do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão mole, plástico, quase sem ossos, como o da nossa sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. Estavam os padres da S. J. em toda parte; moviam-se de um extremo ao outro do vasto território colonial; estabeleciam permanente contato entre os focos esporádicos de colonização, através da “língua-geral”, entre os vários grupos de aborígenes. Sua mobilidade, como a dos paulistas, se por um lado chegou a ser perigosamente dispersiva, por outro lado foi salutar e construtora, tendendo para aquele “unionismo” em que o professor João Ribeiro surpreendeu uma das grandes forças sociais da nossa História (FREYRE, 2002, p. 170-171).

A principal organização educacional durante o período colonial, sobretudo para os países católicos, desenvolve um livro que seria o elemento primordial nas aulas ministradas por seus professores. Ele é chamado de *Ratio Studiorum* ou *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus), só perdendo a força de seu uso mediante a saída dos padres da Companhia. A educação formal estava centrava no papel desenvolvido pelas universidades/faculdades e colégios, já a informal se dava mediante o processo de catequização (MESQUIDA, 2013, p. 238). Aquelas famílias abastadas que poderiam pagar pela educação de seus herdeiros, enviavam-nos, sobretudo a Universidade de Coimbra, na metrópole (SAVIANI, 2013, p. 43), já aos que não poderiam ir, a formação das primeiras letras bastava para estes. A formação intelectual era também mais uma maneira de exercer o processo de colonização, distinguindo aqueles que poderiam tê-la dos demais, hierarquizando cada vez mais as relações.

Posteriormente, na primeira metade do século XIX, os jesuítas regressam por ordem da Coroa, atendendo a uma determinação papal. Inicialmente atendiam a interesses da contrarreforma com seu propósito de ampliação do processo de catequização, visando, sobretudo, o impedimento e disseminação da entrada de protestantes na Colônia.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **A EDUCAÇÃO A SERVIÇO DA RELIGIÃO NA COLÔNIA**

A Coroa lusitana estava atrelada, assim como as demais Coroas europeias, ao poder espiritual exercido pela Igreja Romana. Esta, por sua vez, exercia dois poderes, o temporal e o atemporal. O primeiro dizia respeito ao poder na esfera humana, política e administrativa do tempo comum, numa evidente relação ao modelo de filosofia desenvolvida por Santo Agostinho, com a Cidade dos Homens. Esse poder poderia sofrer momentos de instabilidade, que seria reivindicado por qualquer pessoa (governo, instituição, etc.). Já o segundo, o poder atemporal, estava ligado ao elemento espiritual, transcendental, que ficava reservado e controlado somente da Igreja, a chamada Cidade de Deus. Portanto, cabia as monarquias da época a tutela da Igreja que assegurava a legitimidade de seu poder e o vínculo com o Reino dos Céus.

O catolicismo predominou em nossa cultura e em vários aspectos de nossa colonização, entretanto não houve um elemento de uniformização cultural, ou mesmo religiosa. Elementos, ou traços culturais tanto indígenas quanto africanos envolveram nossa sociedade e são sentidas até os nossos dias, demonstrando assim que houve essa predominância católica ligada a forte contribuição das diversas populações indígenas e africanas (Cf. FREYRE, 2002, p. 170).<sup>2</sup>

Os padres da Companhia impuseram aos indígenas sua moral, baseados na diferenciação sexual do trabalho entre homens e mulheres, na quase extinção dos cultos ameríndios, por imposição religiosa e ainda a implementação da sua pedagogia.

O cronista salienta como trabalho exclusivo das mulheres as redes de fio de algodão e as “fítas como passamanes, e algumas mais largas, com que ennastram os cabellos”. E pormenoriza: “As mulheres já de idade teem cuidado de fazerem a farinha de que se mantem, e de trazerem a mandioca às costas para casa; e as que são muito velhas teem cuidado de fazerem vasilhas de barro a mão como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa, em os quaes e em outros menores fervem os vinhos que bebem: fazem mais estas velhas panella, pucaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha, e outros em que a deitam e em que comem, lavrados de tintas de cores; a qual louça cozem em uma cova que fazem no chão, e põem a lenha por cima; e tem e crêem estas índias que se cozer esta louça outra pessoa que não seja a que a faz, que

---

<sup>2</sup> Ressaltamos e questionamos a ideia de passividade ou mesmo amizade entre os povos que se estabeleceram no Brasil que Freyre traz em sua obra, como fora advertido anteriormente. Concordamos que o autor possui uma visão idílica do processo de colonização. Porém, observamos a contribuição de suas investigações no sentido de trazer um olhar genuíno, inaugural ao observar o Brasil em sua constituição.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

há de arrebentar no fogo; as quaes velhas ajudam também a fazer farinha que se faz no seu lanço. (SOARES *apud* FREYRE, 2002, p. 185).

Esse modelo de educação, para Saviani (2013) possui uma evidente função de doutrinação dos corpos com a finalidade de trabalho assim como a ideia de combater a “guerra justa”. Houve um grande processo de aculturação. Uma forçosa etapa de desnudamento de seus próprios conhecimentos em detrimento do conhecimento do colonizador, que possui uma maior veracidade (SAVIANI, 2013, p. 23).

Embora haja várias críticas relacionadas ao modelo educacional empreendido pelos padres jesuítas a maior parte dos pensadores brasileiros, desse momento, estudaram por este sistema, que sob a ótica de muitos alimentou a elite literária local, em oposição a críticas de que formou também um submisso corpo religioso. Estes intelectuais, com algumas ressalvas, elaboraram e alicerçaram as práticas discriminatórias em vigor durante este período, com relação ao diferente, entre eles o feminino.

Esse tipo de educação contribuiu fortemente para aumentar as diferenças de gênero e alimentar a cultura e controle do patriarcado. Associamo-nos ao pensamento de Wehling (1999, 278) onde traçam a formalização dessa cultura aprofundada nas diferenciações sexuais e em sua instituição, de maneira veemente, numa valorização do homem na sociedade.

A condição subalterna da mulher colonial era uma herança de antigas tradições cristalizadas. Tinha por base a autoridade intelectual de Aristóteles e de outros autores e estava profundamente enraizada na legislação civil e canônica. Apesar do abrandamento das restrições no código Justiniano e no direito canônico medieval, em relação a posições anteriores, as mulheres ficaram numa condição de inferioridade e de franca dependência face ao marido, embora não mais, como na Roma clássica, face aos filhos, quando enviuvavam.

Os jesuítas ficaram na incumbência da educação, porém desempenhavam este papel juntamente com outras ordens religiosas, tais como: franciscanos, capuchinhos, mercedários (SAVIANI, 2013, p. 41), beneditinos e carmelitas (WEHLING, 2004, p. 49), que permaneceram ainda depois da saída dos padres jesuítas. Pode-se perceber nas maiores cidades do período colonial a efetiva construção de mecanismos arquitetônicos que favorecessem estes espaços de educação, como conventos, escolas, etc. Essa educação era ao mesmo tempo classista, racista e sexista, reservada aos brancos vindos de Portugal ou meninos nascidos no Brasil, filhos de colonos ou



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

indígenas.<sup>3</sup> Ribeiro (1997, p. 61) destaca o papel que as mulheres ocupavam no processo de ensino, ele afirma que

A tradição ibérica, transposta de Portugal para a colônia, considerava as mulheres como seres ignorantes e inferiores, pertencendo assim o sexo feminino ao “*Inbecilitus sexus*” (expressão que corresponde aos inferiores natos: crianças, doentes e incompetentes).

Somente em meados do século XVIII é criado, no Brasil, um convento com a finalidade de instruir meninas, afim de fornecer a educação formal, leia-se religiosa, na Colônia. Essa medida possui um duplo objetivo, pois, primeiro, procurava-se a diminuição do fluxo de jovens brasileiras para a metrópole afim de entrarem nos conventos, tornando-se, muitas vezes, freiras sem vocação. Essa condição era considerada sinal de *status* social para suas famílias. E o outro objetivo era o de atender as diretrizes iluministas de educação universal direcionadas pelo governo do Marquês de Pombal (Cf. SILVA, 2009, p. 134).

As mulheres que eram educadas possuíam uma estrutura rígida, com “matérias” que serviam para ensiná-las a servir suas famílias, a possuírem “bons modos”, a serem mulheres recatadas, para cuidar de suas casas, do ambiente doméstica e com isso a esfera privada. As mulheres brancas e abastadas<sup>4</sup> (Cf. RIBEIRO, 1997, p. 29-40) eram aquelas que tinham condição de ter essa conduta educativa. Pois como educar num colégio uma menina pobre, e num território sem a menor estrutura educacional ou mesmo interesse na educação formal das mulheres?<sup>5</sup>

Muitas filhas de famílias poderosas nasceram, cresceram, casaram, e, em geral, morreram nas fazendas de gado. Não estudaram as primeiras letras nas escolas particulares dirigidas

---

<sup>3</sup> Destacamos que a educação dos meninos pobres nascidos no Brasil e das crianças indígenas não era a mesma das pessoas abastadas, eles eram “educados” para o serviço, para o trabalho, com a intenção de abastecer o mercado de trabalho nascente da colônia.

<sup>4</sup> Com relação a esse padrão de mulher, Freyre (1977, p. 93) descreve a beleza, ou a ausência dela, em seus termos. A imagem da mulher branca, abastada, como uma beleza mórbida, pálida, atônita, sempre assustada e controlada. “Mas a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza mórbida. A menina do tipo franzino, quase doente. Ou então a senhora gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas. Nada do tipo vigoroso e ágil de moça aproximando-se da figura de rapaz. O máximo de diferenciação de tipo e traje entre os dois sexos”. Segundo a leitura, o que poderia atrair o homem a esta figura feminina, seria, entre outros fatores, o aspecto econômico, pela organização e estrutura da sociedade, notadamente agrária e patriarcal.

<sup>5</sup> A Companhia de Jesus, através do Pe. Manoel da Nóbrega, envia uma correspondência à rainha regente de Portugal, D. Catarina, (1549) onde solicita educação para os indígenas, sobretudo das mulheres. “Entretanto, a metrópole negou a iniciativa, qualificando de ‘ousado’ tal projeto, devido ao perigo que isso pudesse representar”. Na própria Metrópole não havia escolas para as meninas. Educava-se em casa” (RIBEIRO, 1997, p. 80).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

por padres e não foram enviadas a São Luís para o curso médio, nem a Recife ou Bahia, como ocorria com os rapazes de sua categoria social. Raramente aprenderam a ler e, quando o fizeram, foi com professores particulares, contratados pelos pais para ministrar aulas em casa. Muitas apenas conheceram as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome. Enquanto seus irmãos e primos do sexo masculino liam Cícero, em latim, ou Virgílio, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, aprendiam ciências naturais, filosofia, geografia e francês, elas prendiam a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura e a música (FALCI *in* DEL PRIORE, 2001, p. 151).

Em contraponto a esta educação doméstica, oferecida às mulheres, os homens estudavam nos colégios, seja na Colônia como também na metrópole, e estudavam as seguintes disciplinas: retórica, geografia, gramática latina, história sagrada e clássicos franceses (FREYRE, 1980).<sup>6</sup> Rotterdam (2005, p. 31-32) nos informa o papel dessa educação diferenciada oferecida e qual a finalidade da mesma.

É inquestionável. Homens sem instrução em filosofia ou em outras disciplinas não passam de criaturas inferiores, em certos aspectos, aos animais. De fato, enquanto os animais obedecem, cegamente, aos instintos da natureza, o homem, desprovido dos parâmetros das letras e dos ensinamentos da filosofia, fica antes sujeito a impulsos mais que animais.

É importante perceber como estava estruturado o currículo das meninas que tinham que estudar: na matemática, as quatro operações básicas, pois qual seria a finalidade da geometria? Na escrita bastava apenas aprender a assinar o nome e ler poucas frases, havia uma diferenciação entre leitura e grafia naquele dado contexto. Não poderiam aprender nada mais que não fosse útil as relações da mesma com a religiosidade cristã e ainda com o zelo que a mesma deveria manter com sua residência, e no trato com alguns serviços, sobretudo aqueles de seu contato direto, os serviços

---

<sup>6</sup> Pinto (1938, p. 325-326) destaca que a educação exercida pelos indígenas no Brasil não era aplicada a partir de castigos físicos, como forma de “fazer aprender”. “A educação dos varões estava a cargo do pai; a das fêmeas aos cuidados maternos. Logo que começavam a andar, os meninos iniciavam-se nos segredos da fabricação e manejo das armas, ao passo que as meninas aprendiam a fiar algodão, a entrançar redes, a tecer nistros ou a ocupar-se dos cuidados caseiros. Não existiam as sanções exteriores. Se as crianças não queriam aprender o ofício, não as constrangiam a isso. Também não as castigavam por nenhuma falta. Referindo-se aos guaranis, escreve o p. Teschauer: ‘Castigo corporal como correutivo educativo era inteiramente desconhecido, e só com muita dificuldade conseguiu o venerável Roque Gonzales introduzi-lo nas primeiras reduções’. ‘As crianças [...], aprendem brincando aquilo que é o trabalho dos adultos. O menino de três anos já tem um pequeno arco com flechas, cujo tamanho corresponde ao tamanho do dono. A menina de três anos já possui uma pequena peneira, cujo tamanho corresponde ao tamanho da dona. Assim, os dois vão pescar como um casal adulto, o pequeno homem flechando os peixes, a pequena mulher recolhendo-os na peneira’ [...]. Esse modelo de educação é diametralmente distinto do que os colonizadores implementaram, seguindo os padrões eurocêtricos. No padrão educativo colonial as punições eram frequentes, os castigos faziam com que as crianças aprendessem “mais rapidamente”, não “esquecessem” do que estavam estudando.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

do ambiente doméstico. Percebendo isso o poeta luso, Gonçalo Fernandes Trancoso, em texto de 1575, descreve, num “interessante” abecedário, os significados das letras do alfabeto voltadas ao sexo feminino.

A quer dizer que seja Amiga de sua casa; e o B, Benquista da vizinhança; e o C, Caridosa com os pobres; e o D, Devota da Virgem; e o E, Entendida em seu ofício; e o F, Firme na fé; e o G, Guardosa de sua fazenda; e o H, Humilde a seu marido; e o I, Imiga de mexericos; e o L, Leal; e o M, Mansa; e o N, Nobre; e o O, Onesta; e o P, Prudente; e o Q, Quieta; e o R, Regrada; e o S, Sisuda; e o T, Trabalhadeira; e o V, Virtuosa; e o X, Xpã13; e o Z, Zelosa da honra (TRANCOSO, 2013, p. 164).

Os meninos eram educados para serem adultos precoces, para ter responsabilidades que para sua idade. Com relação a este processo Freyre (1980, p. 38) destaca que a “educação brasileira favorecia num Brasil ortodoxamente patriarcal como foi o dos meados do século XIX, a prematuridade do menino”.

Esses meninos concluíam seus estudos nos colégios por volta dos dezesseis anos, com a finalidade de ir para a Escola Superior, em sua maioria para a Academia de Direito. Estes cursos de bacharelado criaram uma cultura bastante peculiar, que Holanda (1988) irá analisar, e denomina como cultura do bacharelado.<sup>7</sup> A sociedade colonial brasileira estava bem hierarquizada e seguindo os costumes medievais, em sua maioria, regidos pela moralidade cristã. Percebendo isso havia uma distribuição de papéis por ser desempenhado pelos filhos/as dos senhores de engenho. O filho varão receberia toda a herança, pois este seria a sua representação após a morte, e ainda...

Determinou, também o destino dos demais filhos: as mulheres recebiam o dote, o segundo filho homem bacharelava-se em leis em Coimbra, habilitando-se à atividade burocrática no Estado, e o terceiro ingressava numa ordem religiosa, com ou sem vocação. A solução garantia amparo econômico e status de nobreza, pois os doutores eram “capazes de entrar nos cargos nobres” (WEHLING, 1999, p. 238).

As meninas teriam que espelhar-se nas mães, assim como as mesmas inspiravam-se nos comportamentos de suas próprias mães e assim sucessivamente, criando assim uma prática de educação espelhada no exemplo das antecessoras, uma reprodução. Os meninos possuíam como modelos seus pais, com a intenção de seguir seu ofício. As pequenas moças teriam que ser

---

<sup>7</sup> A cultura do bacharelado é descrita como uma rotina da elite brasileira, sendo uma herança direta dos colonizadores portugueses, para trabalharem em cargos públicos.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

prendadas e com um bom dote para conseguir um “bom” casamento, e assim garantir um “bom” nome para sua prole e sua sobrevivência, já que tutelava-se praticamente a seu marido.

Nos primeiros tempos do Brasil o amor foi só o físico; com gosto só de carne, dele resultando filhos que os pais cristãos pouco se importavam de educar ou de criar à moda europeia ou à sombra da Igreja. Meninos que cresceram à toa, pelo mato; alguns tão ruivos e de pele tão clara, que, descobrindo-os mais tarde a eles e a seus filhos entre o gentio, os colonos dos fins do século XVI facilmente os identificaram como descendentes de normandos e bretões (FREYRE, 1980, p. 70-71).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação feminina na Colônia brasileira deu-se de maneira a reproduzir os padrões patriarcais da sociedade europeia, segregando os gêneros. É notória a educação baseada em estímulos de separação da família ou de vínculos familiares mais sólidos no período dos estudos dos meninos, as meninas, como já vimos, eram educadas, em sua maioria, em casa, por suas próprias mães.

Essa divisão hierarquizada do modelo de sociedade transplantado para o Brasil também trouxe consigo as mazelas do mesmo como, por exemplo, a criação de grupos de marginalizados sociais, com poucas condições de mobilidade social, formando grupos de mendigos e vadios. É importante perceber que ocorria bastante essa relação com mulheres ditas “perdidas”, prostitutas em sua maioria que foram enviadas para o Brasil, para auxiliar no processo de implementação do aparato sócio burocrático luso, e ainda dar filhos legítimos aos homens que aqui vieram “tentar a sorte”.

E era essa “sorte” que as mulheres deveriam procurar, pois conforme as deliberações do período somente um “bom” casamento garantiria uma “boa” família, centrada na “boa” fé e com um “futuro” assegurado.

A construção de uma educação emancipatória se dá, dentre outras vias, pela reescrita crítica da história, objetivando um modelo não-sexista, que auxilia na formação plena e respeite subjetividades, que traga consigo alteridade, etc.





**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## REFERÊNCIAS

Bittar, Marisa. (2011) *Colégios e regras de estudo no sistema jesuítico de educação*. In Série- Estudos. Periódico do PPGE da UCDB. Campo Grande, nº 31, jan./jun. Pp. 225-244.

Cambi, Franco. (1999) *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. Fundação Editora UNESP (FEU), São Paulo. (Encyclopaideia).

Falci, Miridan Knox. (2001) *Mulheres do sertão nordestino*. In Del Priore, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. 5ª Edição. Contexto, São Paulo.

Freyre, Gilberto. (2002) *Casa grande e senzala*. 46ª Edição. Record, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1980). *Seleção para jovens*. 3ª Edição. Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Rio de Janeiro, J. Olympio. Recife. (Coleção: Brasil moço).

\_\_\_\_\_. (1977). *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5ª Edição. J. Olympio; Brasília, INL, Rio de Janeiro.

Holanda, Sérgio Buarque de. (1988). *Raízes do Brasil*. 20ª edição. José Olympio, Rio de Janeiro.

Mesquida, Peri. (2013). *Catequizadores de índios, educadores de colonos, soldados de Cristo: formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas, de 1549 a 1759, à luz do Ratio Studiorum*. In. Educar em Revista, Curitiba, nº 48, abr./jun. Pp. 235-249.

Pinto, Estêvão. (1938). *Os indígenas no Nordeste*. Cia Editora Nacional, São Paulo. (Biblioteca pedagógica brasileira; vol. 112; tomo II; série 5; Brasileira).

Prado, Danda. (1985). *O que é família*. Abril Cultural: Brasiliense, São Paulo. (Coleção primeiros passos; 40).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ribeiro, Arilda Inês Miranda. (1997). *A educação da mulher no Brasil-colônia*. ArteCiência, São Paulo. (Coleção Universidade aberta, vol. 30).

Ribeiro, Darcy. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 4ª Reimpressão. Companhia das Letras, São Paulo.

Rotterdam, Erasmo. (2005). *De Pueris (Dos Meninos) e A Civilização Pueril*. Tradução de Luiz Feracine. Editora Escala, São Paulo. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, vol. 22).

Schwartz, Stuart B. (2000). “*Gente da terra braziliense da nasção*”. Pensando o Brasil: a construção de um povo. In Mota, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. Editora SENAC, São Paulo, Pp. 102-125.

Silva, Maria Beatriz Nizza da. A educação da mulher e da criança no Brasil colônia. In. Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena Camara (Orgs). (2004). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol. 1: séculos XVI-XVIII. Vozes, Petrópolis.

Trancoso, Gonçalo Fernandes. (2013). *Contos e histórias de proveito e exemplo*. Editora da UFF, Niterói. (Coleção Estante Medieval, 9).

Wehling, Arno; Wehling, Maria José C. de. (1999). *Formação do Brasil colonial*. 2ª Edição. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Wheling, Arno. A incorporação do Brasil ao mundo moderno. In Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena Camara (Orgs). (2004). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol. 1: séculos XVI-XVIII. Vozes, Petrópolis. Pp. 45-55.